

CEDI - P. I. B.
DATA 12, 06, 86
COD. MGD 01

RELATÓRIO SOBRE A
SITUAÇÃO ATUAL DOS
INDIOS MÊKRÃGMOTÍ,
grupo Kayapó no Sul do Pará.

(inclusive informações sobre tres aldeias Kayapó isoladas).

Gustaaf Verswijver
(estudante de Antropologia na
'Ecole des Hautes Etudes en
Sciences Sociales'-Paris).

RELATÓRIO DA EXPEDIÇÃO ETNOGRÁFICA, JUNTO AOS ÍNDIOS
MÊKRÄGNOTÍ, tribo Kayapó no Sul do Estado do Pará.

Uma expedição nunca se faz sem ajuda de dezenas de pessoas, e acho muito justo que essas pessoas são mencionados neste relatório. Nas viagens que eu fiz no Brasil, conheci muitas pessoas que sempre me apoiaram. São essas que gostaria agradecer aqui: os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas; a Sra Lux Vidal e o Sr Daniel Gross, professores de antropologia; Ruth Thompson, Kathy Jefferson e James Wheatly do Summer Institute of Linguistics; Ed Pitkin e Skip Parrish do Asas de Socorro; o pessoal da FAB de Belém do Pará; Dr Amaury da FUNAI (2da DR); as pessoas encarregados da FUNAI nos postos indígenas Kubenkränkein e Hau e Mêkrägnotí; Sra Delvair Melatti, Srta Elizabeth, Srta Eni Pereira Ziva, Srta Dolores, Dr Nello e Srta Conceição Militão Rocha, todos do DGPC da FUNAI em Brasília e Sr Pedroso, Sr Joaquim da Companhia Mineiradora São Benedito/Araguari.

Votos especiais de agradecimentos são para o Sr. General Ismarth de Araújo Oliveira, presidente da FUNAI; a Sra Joanna e o Sr Jurandí da presidência da FUNAI; e especialmente a família Bisilliat-Crabonell de São Paulo.

Este relatório se limita a dar uma descrição da situação atual na aldeia Mêkrägnotí. O trabalho científico sera publicado mais tarde, na França, como tese de antropologia na "Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales"(Paris).

1. as viagens.

Autorizado pela FUNAI (autorização nº 18/1976), cheguei no PI Mêkrägnotí dia 31.04.1976. Como único "kuben" (=branco, estrangeiro), presente na aldeia, tinha o enfermeiro Sr. Raymundo Amaral do Vale. É uma pessoa que já esta trabalhando há 6 anos com os índios Kayapó, no Sul do Estado do Pará. Ele gosta do trabalho e mostra um relacionamento tão espontâneo que raramente vi. Graças à esforço dele, nos 3 anos de serviço com Mêkrägnotí, essa aldeia cresce

bastante: de 225 até 286 Índios.

Os primeiros dias, ficamos (o antropólogo Americano, Dennis Werner, e eu) hospedados na casa da FUNAI, isto enquanto que os Índios reconstruíram a minha casa (que eu tinha do ano passado), e instalaram uma mesa, um fogão de barro, dois bancos e três plataformas para pôr o nosso material.

Gastei, depois, alguns dias visitando todos os Índios, muito amigos meus desde o ano passado, quando passei uns cinco meses no meio deles (veja meu relatório do ano passado). Eles me mostraram com muito orgulho as novas crianças - que tinha bastante - as novas casas, roças e o artesanato que eles estavam fazendo para as próximas festas.

Depois de mais ou menos uma semana, comecei a trabalhar na história do tribo Mēkrāgnotí, tão complicado que nem todas as histórias das outras aldeias Kayapó do Xingu juntos, e no levantamento da cultura material.

Dia 16.05.1976 chegou na aldeia o novo chefe de posto, o Senhor José Roberto Negri. Ele era novo neste tipo de trabalho, e demorou um pouco para ele se adaptar nessa nova vida, a vida da realidade dos Índios.

Saí da aldeia 17.07.1976 para poder organizar com mais calma os resultados da pesquisa, levar a primeira parte da coleção etnográfica que eu estava fazendo para o Museu do Índio (veja o meu acordo com FUNAI, nº 28/76), e para pegar algumas férias.

Chegando em Brasília, fui convidado pelo DGPC-FUNAI para ser assessor da Srta. Eni Pereira Zica numa viagem aos PI Bau e Mēkrāgnotí. O plano era de observar a situação e influência da Companhia Mineiradora Araguari/São Benedito, operando uns 6 quilômetros distante do PI Bau, e de pegar mais dados es-

pecíficos a fim de fazer um levantamento sobre o uso da terra pelos indígenas naquela região - isto para poder ajudar, eventualmente, na demarcação da terra dos Índios Mēkrāgnotí dos PI Bau e Mēkrāgnotí.

Logo depois desse sejourno, a Companhia Mineiradora me levou num avião deles até o PINKubenkrānkein (14.08.76). Fiquei lá, autorizado pela FUNAI (/76) para assistir numa festa de nome: a festa de tākāk que eu vi também o ano passado no PI Mēkrāgnotí, de 02 (fevereiro) até maio 1975.

A festa no Kubenkrānkein, foi pequena e exibida com pouca diferença - a não ser menos entusiasmada do que na outra aldeia Kayapó. Dia 6.09.76 já estava de volta em Brasília: saí tão cedo porque fui chamado até a capital para resolver problemas de visto de permanência no Brasil, problemas que, até agora, me ocupam bastante.

Dia 13.10.1976 cheguei de volta na aldeia Mēkrāgnotí. Nessa época, Sr. Raymundo Amaral tinha saído da aldeia e foi substituído pelo Sr. Guilherme. Nessa viagem, a FUNAI^{me} perguntou de levar os Srs Alex Shoumatoff e Daniel Delany comigo, para eles fazer a pesquisa deles lá. Ambos os Americanos estavam preparando uma publicação sobre Amazônia.

Eles saíram os primeiros dias de novembro, e dia 18.11.76 chegou a fotógrafa Brasileira Maureen Bisilliat (conhecido pela exposição Bienal em São Paulo e pelo calendário da Philips, dois trabalhos mostrando o Índio Brasileiro para o povo). Ela ia ilustrar essa fase (das festas-pinturas corporais) do meu trabalho.

É nesses dois meses de pesquisa de campo que verifiquei com especialistas da aldeia os resultados dos meus trabalhos sobre cultura material. Assisti também a festa das mulheres,

chamado de mē nire bi'òk. Peguei também mais informações sobre a história dos Mēkrāgnotí/Mētùktíre, um campo sem fim.

Saímos, Sra. Maureen Bisilliat e eu, 5.12.1976, para eu poder regularizar meu visto no Brasil.

II. a situação atual no PI. Mēkrāgnotí.

Para chegar no PI Mēkrāgnotí, é preciso ir de avião:

- o avião da FUNAI, que ultimamente costuma passar cada 4 à 6 semanas, e que tem como base Belém.
- o avião de Asas de Socorro de Araguacema. Esse avião serve de apoio para os missionários trabalhando na região Kayapó (nas aldeias Mēkrāgnotí, Gorotire, Kubenkrānkein e Kokraimoro). É uma viagem muito caro (no momento mais do que 6000 Cr, viagem ida e volta), já que o pessoal da FUNAI não tem essa redução de 50 % que os missionários tem.

Ainda não existe vôo da FAB até esse posto, mas esta previsto: os Índios já acabaram 1000 metros da pista nova. Falta 200 metros para as aviões da FAB poder pousar. Provavelmente, o ano que vem, depois da homologação da pista, a FAB passará uma vez por mes (na linha Belém-Cachimbo).

Via fluvial, é muito difícil chegar no PI Mēkrāgnotí. Saindo de Altamira, na beira do Rio Xingú, é preciso subir o Rio Iriri/Curua, até o PI Bau. Depois mais um dia de viagem até o ponto mais perto da aldeia, para seguir mais uns 4 dias andando no mato. É uma viagem longa (uns 20 dias) e cansativa.

E graças à este isolamento que a influência de 'kuben' (= civilizados) é mínima. Por consequência a cultura desses Índios ainda é bastante preservada.

Os Índios Mēkrāgnotí foram contactados pelos irmãos Villas Boas em 1953/1954. Nessa época, esses Índios viviam todos na região do Alto Xingu (atual Parque Indígena do Rio Xingu).

Depois, por volta de 1956, tinha uma cisão no qual um grupo se deslocou para a região do Rio Iriri/Curua. E lá que, em 1958 e 1961, o sertanista Francisco Meirelles os re-contactou.

Falta de recursos do SPI naquela época, resultaram que a aldeia ficou isolado até 1967, o ano em que a família Schnieder (missionários da Missão Cristã Evangélico Brasileiro - MICEB) chegou. Eles permanecerem lá até 1969 e foram obrigados de sair depois de uma grande epidemia que matou uns 40 Índios d'uma população estimada de 220 pessoas... Por volta de 1970 chegaram as missionárias Ruth Thompson e Mickey Stout (do Summer Institute of Linguistics - SIL), sendo que em 1974 a Sra Mickey Stout foi substituído pela Srta Kathy Jefferson. A FUNAI, na pessoa do enfermeiro Raymundo Amaral do Vale, instalou-se em 1973.

Graças à ajuda da FUNAI na troca de artesanato e na coleta de castanhas, esses Índios tem bastante recursos. O tipo de artesanato que eles fabricam mais são as lanças (rob-i e nãí), cocares pequenos (mê âkâ), cocares médios (mê âkâdjêdja), cocares grandes (krôkrôktí), flautas enfeitados com desenhos de imbé (po) e bordunas (kô e kôp).

É uma pena que eles trocam também os cocares feitos de penas mais raras ou mais difíceis de conseguir. Isso é o caso do grande cocar chamado de krôkrôktí, com penas de arara. Precisasse de muitas araras para poder fazer um cocar desse, que eles fazem ainda segundo as tradições. Eu pude constatar que este tipo de artesanato na aldeia Kubenkrânkein está fracessando muito: esses Índios fazem cocares muito mais pequenos, e quase não usam algodão para sustentar as penas.

Por isso que a FUNAI paga este tipo de artesanato Mêkrâgnotí tão bem. É o artesanato mais valioso que esses Índios tem, e eles são conscientes disto; por isso que eles vendem bastan-

te desses cocares para poder comprar coisas maiores como espingardas e munição, cada vez aumentando de preço.

Os Mēkrāgnotí já venderam tantos krôkrôktí, que na hora da festa das mulheres, só tinha 3 desses cocares na aldeia. Um quarto foi pedido emprestado da aldeia Kokraimoro...

O castanhal se faz uma vez por ano, na época de chuvas (novembro-abril). Nessa ocasião, quasi todos os homens se deslocam até perto do PI Bau, para tirar a castanha do pará. Como pagamento, eles ganham munição, camisas, redes, panelas, etc.

Tudo isso resulta que na aldeia Mēkrāgnotí, todas as famílias tem pelo menos uma espingarda (algumas até tres), roupas, monte de missangas, facões, machados, panelas, tesouras, redes, facas, bolsas, malas, etc.

Roças eles tem muito. Eles cultivam mandioca, milho, bananas, batata doce, cana de açúcar, abobra, abacaxi, tabacco e um pouco de melancia. Eles também fizeram roças não só ao redor da aldeia, mas também nos pontos mais estratégicos: no caminho das picadas mais usadas, como por exemplo no meio do caminho para o Rio Xixê, até na beira do Rio mesmo, uns 60 quilômetros distante da aldeia.

A área é bastante rica em caça: porcos, paca, veado, anta, macacos, pássaros, tamandua, tatu, jabuti, onças, etc. Para pescar eles tem que ir até no Rio Xixê ou Rio Curuaés, porque no Igarape Rasgado (o igarape que passa na aldeia) só dá peixinhos.

As duas missionárias do SIL, oprenado na aldeia, são a Ruth Thompson e a Kathy Jefferson. Quando na área, elas se dedicam à dar aulas em Kayapó, para os Índios aprender a ler e escrever na língua deles. Elas estão também treinando dois dos alunos (Bekwoi'i e Beb Khum) para escrever livrinhos em Kayapó, descrevendo cantas, mitos, experiências deles nas cidades etc.

Vários Índios já sabem contar um pouco, e estão aprendendo o valor de dinheiro. Ótimo.

É uma pena que elas estão evangelizando também. Cada domingo, da tarde, tem culto no qual uns 30 ou 40 homens e mulheres escutam os dois alunos ler traduções da bíblia, e no qual todos cantam hinos.

Perguntando a eles porque que eles fazem isso, eles me responderem que eles gostam da música, e que é para poder ler'. De fato, é a única ocasião no qual eles podem se treinar de ler na língua deles. Eles, obviamente, não assistem por causa de interesse nas palavras de Deus.

Os Índios Mēkrāgnotí, e especialmente os homens de 15 até 30 anos, estão querendo bastante a aprender a ler, escrever, contar, e, falar português. As únicas pessoas que dão essa oportunidade para eles são as missionárias, e por isso que eles assistem todo isso. Por isso, acho uma boa ideia para FUNAI iniciar uma escola -de português- nessa aldeia.

A situação de saúde está bastante bem: esse ano morreram quatro pessoas. As duas primeiras pessoas podiam ser salvas, mas na hora crítica da doença, os parentes recusaram o pessoal da FUNAI aplicar qualquer remédio. A terceira e quarta pessoa são irmãs, recém-nascidos. A mãe delas é solteira, com mais duas outras crianças, e não podia sustentar essa família toda sozinha. Por isso que ela matou a primeira, e deixou a segunda, na hora de uma doença, morrer.

III. a terracões índios Mēkrāgnotí

Antes do primeiro contato com os brancos, os Índios do PI Mēkrāgnotí, sob liderança do velho chefe Bebgogotí (ou Kubenkākre), viviam na região do Alto Xingu/Rio Jarina, região do atual Parque indígena do Rio Xingú.

Eles mudaram em 1956 para a região do Alto Iriri/Curuá,

enquanto que um outro grupo, sob liderança de Angme'ê vivia mais para o norte, na região do Entre Rios. Assim o grupo maior, do Bebgogotí, ficou ocupando a área entre os Rios Curuá e Iriri, até o lugar denominado de Benfim. A parte mais para o norte era a terra dos Mēkrāgnotí de Angme'ê.

Com a chegada do SPI, em nome de Sr. Fransisco Meirelles, querendo diminuir o contato de Índios-civilizados do grupo norte, o grupo de Angme'ê foi transferido para o PI Bau, então DENTRO da área do outro grupo (do Bebgogotí).

Isso explica porque que os Índios do PI Mēkrāgnotí, então do grupo Sul, quando vão para o norte, quase sempre passam no PI Bau (o grupo norte), para tirar mandioca das roças. É dentro da terra deles e tudo lá dentro pertence a eles.

E claro que os Índios do PI Bau preferam que isso não acontecesse. Esses Índios ficam reclamando para o pessoal da FUNAI aí, mas, por enquanto, não tem jeito de impedir isso. Tem que considerar que é a terra deles, e que, até agora, eles ficam bastante nômades.

Os Índios do PI Bau ficam com medo do grupo Sul, já que por causa de doenças, epidêmias e brigas, o número de Índios lá foi reduzido à uns 50 Índios, enquanto que na aldeia Mēkrāgnotí, tem 286 no momento.

Os Índios ocupam mais a parte Sul da terra deles, onde está localizado a aldeia. A parte norte é uma fonte de castanhas, buriti, babaçu e côcô. Ambos os Rios Bau e Candoca são ricos nisso.

Os Índios Mēkrāgnotí passam quase a metade do ano fora da aldeia, para:

- coleta de frutas, babaçu, côcô, buriti, castanha, etc
- pescados na região dos Rios Xixê e Curuaés
- caçadas cerimoniais (buscar carne para as festas).

Essas viagens as vezes demoram 2 ou 3 meses...

IV. aldeias Kayapó, isolados.

Neste capítulo, vou esclarecer alguns dados sobre aldeias Kayapó, que ainda não foram contactados.

Reconstruindo a história dos Kayapó (e para fazer isto, usei informantes Mēkrāgnotí, Gorotíre, Kubenkrānkein e Kaxara'ô), descobri a existência de aparentemente tres aldeias Kayapó que continuam isolados, sem qualquer contato.

Os nomes para as aldeias usados aqui são os nomes que os Indios me deram, segundo o homem mais velho, ou chefe, do grupo isolado:

1. pituya'rô

Esse grupo se separou, uns 35 anos atrás, da aldeia Kubenkrānkein. Eram uns 30 ou 40 pessoas, liderado pelo velho Pituya'rô.

Os últimos anos, desde 1969, mais ou menos, cada ano na época seca, os Indios Pituya'rô estão aparecendo perto da aldeia Kubenkrānkein. Esses últimos, muito mais numerosos, disseram que estão com medo, e mataram um homem do grupo Pituya'rô há dois anos atrás.

Um Indio# Kubenkrānkein, chamado Kōngrí, quando viu os Pituya'rô pegar bahanas na roça dele, o ano passado, em vez de matar os intrusos, chamou eles e deu batata doce e bananas para eles. Assim que Kōngrí aprendeu o nome de um dos Indios isolados: Nhūmtíre. Agora, cada vez que os Pituya'rô passam por perto dos Kubenkrānkein, esses perguntam para falar com Kōngrí.

Segundo os Kubenkrānkein e Gorotíre, os Pituya'rô vivem num afluente da margem direita do Rio Fresco, para o Sul da aldeia Gorotire.

Si a aldeia for situado lá, e sabendo que nessa área estão aparecendo muitas fazendas os últimos anos (talvez isso explica

porque que os Pituya'rô, em risco de perder a vida numa briga, cada ano passam mais perto dos Kubenkrânkein - a terra deles pode ser cercada de fazendas...), acho que devia-se fazer uma expedição para contactar essa aldeia pequena, antes deles entrar em conflito com fazendeiros.

Segundo informações que recolhi entre os Kubenkrânkein, os Pituya'rô não possuem espingardas, nem roupa nenhuma. Não usam mais botoques, tem cabelo muito comprido, usam o estôjo peniano e falam 'mêbêngokrê mē kaben' (= Kayapó).

2. pu'rô

Esse grupo, também duns 40-50 Índios, se separou por volta de 1940 da aldeia Mēkrāgnotí. Depois eles desapareceram completamente, a única informação sendo que segundo os Mēkrāgnotí, eles vivem entre Entre Rios e Altamira, no Rio Iriri...

O hasard é que quando Srta Eni Pereira Zica e eu estavam no acampamento do PI Bau, o Sr Pedroso, chefiando a Companhia Mineiradora lá, nos falou sobre um acidente que aconteceu lá para dia 10.08.1976: alguns trabalhadores da Companhia pegaram férias e foram visitar a família deles perto do lugar denominado de Entre Rios. Lá algumas pessoas foram atirados com espingardas. Insistindo para eles falarem isso mais detalhadamente, me disseram que os tiros foram feitos no ar, assim errando deliberadamente (assustando ?). Um fato é que muitas pessoas estavam mudando rio para baixo, se lembrando dos violentos ataques que os Mēkrāgnotí tinham feito naquela região uns 15 anos atrás.

Pode ser que isso foram os Pu'rô, sabendo que por exemplo os Mēkrāgnotí já tinham espingardas em 1930, vinte anos antes do primeiro contato amistoso com brancos...

3. ngra-mári

Esse terceiro grupo (60 Índios ?) se separou por volta

de 1945 dos Gorotíree a única informação que eles podiam me dar é que esses Indios vivem 'bem para o Sul', aparentemente ao redor do Parque Indígena do Xingú...

O trabalho científico não foi incorporado aqui. Isso vai ser usado na minha tese em Paris, e cópia disso vai ser mandado para a FUNAI. O trabalho ainda não acabou, e provavelmente vai ser preciso de mais uma ou duas viagens para aldeias Kayapó a fim de completar mais alguns dados.

Gustaaf Verswijver
antropólogo

São Paulo, 19.12.1976